

Par
ques

Ur
ba
nos

Urban
and
Metropolitan
Parks

Manual de Boas Práticas // Manual of Good Practice

e Metropolitanos

Congresso
Internacional de

Par
ques

Ur
ba
nos

International
Congress of
Urban and
Metropolitan
Parks

e Metropolitanos

Parques Urbanos e Metropolitanos // Manual de Boas Práticas
Urban and Metropolitan Parks // Manual of Good Practice

Câmara Municipal do Porto
Porto, Centro de Congressos do Porto / Alfândega
24 e 25 de Março, 2006

O Desenho do Parque da Cidade do Porto - Uma Leitura

The Design of Porto City Park - An Insight



Luísa Genésio

Arquitecta Paisagista e Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Bragança - Portugal

Landscape Architect and Professor at Instituto Politécnico de Bragança - Portugal



A intervenção artística na paisagem é profética, na medida em que, sendo do seu tempo, antecipa o futuro.

Dar forma a um Parque é um problema de desenho. “Em todas as belas artes, o desenho é o essencial, é o que apraz pela sua forma que constitui o fundamento de toda a disposição para o gosto” (Kant). O mundo da experiência visual é infinito. O desenho pode dar expressão à intuição de fenómenos significativos.

O desenho paisagístico parte da poética do local tentando captar formas significantes, estruturais, permanentes, ainda que haja uma essência invisível, incaptável e que porventura é fundamental na qualidade dos sítios. Esta dimensão oculta não deve perturbar-se na intervenção.

O desenho paisagístico como acto poético, como condição de saber e conhecimento é a base do trabalho do Arquitecto Paisagista, certos de que sendo básico é superior. O desenho corresponde à vontade de usufruir do momento que passa, é algo que ali está inteiro e não se repete.

Artistic intervention on the landscape is prophetic, inasmuch as despite being in its time, it anticipates the future.

To give form to a Park is a question of design. “In all fine art the essential element consists in the form which is final for observation and for estimating” (Kant). The world of visual experience is infinite. Design can give expression to intuition of significant phenomena.

Landscape design arises from the poetic of the location, trying to capture significant, structural, permanent forms, even allowing for the fact there is an invisible, unobtainable essence which is indeed the fundamental quality of the sites. This hidden dimension should not upset the intervention.

Landscape design as a poetic act, as a condition of understanding and knowledge, is the basis of the Landscape Architect’s work, certain in the knowledge that the basic is superior. Design corresponds to the will to enjoy the fleeting moment, which is entire and which cannot be repeated.



Parque da Cidade do Porto, Sidónio Pardo, Portugal | Porto City Park, Sidónio Pardo, Portugal

Esta concentração de tempo é uma condição da contemplação, experiência sob a face oculta da realidade que sempre construímos ao reconhecê-la. O desenho implica uma lenta, tranquila, envolvente, relação com a paisagem, o que fará descobrir relações entre elementos e as suas identidades.

O projecto do Parque é em parte intuitivo e depende também do conhecimento científico. O projecto é avaliado pela sua adequação à realidade, é transformação do mundo, é antecipação.

O projecto do Parque é uma tese notável de Arquitectura Paisagista, pois reúne a estética contemporânea a uma certa tradição da construção dos campos, através de um gesto depurador que aproxima as ideias da arte. A cultura ocidental elaborou uma teoria da paisagem que informa princípios estéticos de desenho, presentes no Parque.

O Parque nasce da vontade pura de arquitectar uma paisagem não pretendendo responder a nenhuma necessidade básica. O Parque é um espaço livre, não codificado, é um local para passeios, contemplação, conversas ao ar livre.

A experiência de grandes Parques Urbanos mostra-nos preocupações sociais, sanitárias, educativas, lúdicas, que são ultrapassadas pela dimensão estética.

Nos E.U.A. desenvolveu-se o conceito de Parque como instrumento urbanístico, produto da filosofia moderna que procura reformar as condições de vida dos cidadãos. Olmsted culminará este processo com o Central Park.

No Parque da Cidade estes objectivos são conseguidos, contribuindo para melhorar a vida urbana. Os passeios no Parque têm procura crescente por parte da população urbana que sabe apreciar o belo natural e usufruir de paisagens projectadas com critérios estéticos.

O Parque da Cidade segue a tradição da Escola Paisagista Inglesa que tem as suas raízes no modelo da paisagem bucólica descrita por Virgílio nas Bucólicas e nas Géorgicas.

Os pintores neoclássicos franceses do séc. XVII inspiraram-se também na filosofia da Arcádia grega, pintaram telas de paisagens ideais e influenciaram a referida Escola.

A construção do Parque da Cidade enriquece o discurso crítico da Arquitectura Paisagista, em oposição à actual prática de Espaços Verdes, construídos com absoluta indiferença em relação à arte dos jardins, à contemplação, aos critérios estéticos.

This concentration of time is a condition of contemplation, experience under the hidden face of reality that we always build upon recognising it. Design implies a slow, calm, all-encompassing relation with the landscape, which will enable the discovery of relations between the elements and their identities.

The Park project is in part intuitive and also depends on scientific knowledge. The project is assessed through its suitability for the reality, it is the transformation of the world, it is anticipation.

The Park project is a remarkable thesis of Landscape Architecture as it merges aesthetic modernity with a certain tradition of construction of fields, through an exercise in filtering that brings together the ideas of art. Western culture drew up a landscape theory that brings to the fore aesthetic principles of design, present in the Park.

The Park is born out of the sheer will to sculpture the landscape, not intending to meet any basic need. The Park is a free, unconvoluted, place for walks, contemplation, outdoor conversation.

The experience of large Urban Parks shows us social, hygienic, educational, leisure concerns that are surpassed by the aesthetic dimension.

In the USA the concept of the Park as an urban tool was developed, as a product of modern philosophy that aimed to reform citizens' living conditions. Olmsted would culminate this process with Central Park.

In the City Park these aims are achieved, contributing to improving urban life. Walks in the park have a growing demand for the urban population that knows how to appreciate natural beauty and how to enjoy landscaped designs in accordance with aesthetic criteria.

The City Park follows the tradition of the English Landscape School that has its roots in the bucolic landscape model described by Virgil in the Eclogues and the Georgics.

The 17th-century neoclassical painters also drew inspiration from the philosophy of Greek Arcadia, painting idealised landscapes and also influenced this School.

The construction of the City Park enriches the critical discourse of the Landscape Architecture, in contrast to the current practice of Green Spaces, built with complete indifference in relation to the art of gardens, contemplation, aesthetical criteria.

Quando pensamos no Parque da Cidade, pensamos numa bela paisagem natural e mentalmente fazemos analogias com outras obras de arte – Jardins de Kent, de Brown, pintura de Lorraine, (...).

Ao fazer esta analogia, o Parque pode sentir-se também como simbólico de uma certa maneira de fazer paisagem. O Parque é uma obra de arte se entendido como um fim em si mesmo.

“O olhar inocente sobre a paisagem não existe” (Gombrich). A arte de saber ver a paisagem tem de ser adquirida. “É preciso ser-se culto para apreciar o belo natural” (Óscar Wilde).

O Parque pode representar algo que ali não está, é metafórico. A significação que lhe atribuímos provém do observador, a função estética está no Homem. O belo natural, apesar de se unir a causas naturais, depende também de analogias que fazemos com obras de arte.

A estética de Kant acerca do belo natural pressupõe um sentido comum, transcendental, apesar de se basear na forma do objecto.

O belo natural alarga o nosso conceito de Natureza como arte. O belo natural contém uma linguagem que parece ter um sentido superior.

O Parque é uma representação bela da Natureza. É a natureza transformada pelo gesto arquitectónico, ainda que não o pareça.

A estética do sublime chamou a atenção para a linguagem entre a paisagem e o Homem, difícil de objectivar, pois, depende do estado de espírito de cada um.

O Parque tem uma linguagem muda, que não cabe nos prospectos publicitários.

A qualidade arquitectónica do Parque abarca a paisagem em grande escala, para garantir sossego, contemplação, interioridade.

O belo natural enquanto criação humana deverá procurar-se na expressão dos elementos naturais, no seu desenho.

“Num Parque tudo deve conservar a liberdade natural, mas deve sofrer uma elaboração artificial e ser adaptado à região de que o Parque faz parte (...) é a Natureza transformada pelo espírito do homem” (Hegel).

A forma natural da paisagem e o Parque que dela nasceu são diferentes. O paisagista tem uma atitude transformadora da paisagem. Procura ordenar os elementos, perceber a estrutura do

When we think of the City Park, we think of a beautiful natural landscape and we mentally make analogies with other works of art – Kent and Brown’s Gardens, Lorraine’s painting, (...).

In making this analogy the Park can also feel symbolic of a certain way of doing landscaping. The Park is a work of art if understood as an end in itself.

“There is no innocent eye over the landscape” (Gombrich). The art of knowing how to see the landscape has to be acquired. “One has to be cultured to appreciate natural beauty” (Óscar Wilde).

The Park can represent something that is not there, is metaphoric. The meaning that we attach to it comes from the observer, the aesthetic function is in Man. Natural beauty, despite uniting natural causes, also depends on analogies that we make with works of art.

Kant’s aesthetics about natural beauty assumes a common transcendental meaning, despite being based on the form of the object.

Natural beauty widens our concept of Nature as art. Natural beauty contains a language that seems to have a superior meaning.

The Park is a beautiful representation of Nature. It is nature transformed by the architectural gesture, even though it does not seem so.

The aesthetics of the sublime drew attention to the language between landscape and Man, which is difficult to delineate, as it depends on the spirit of each individual.

The Park has a silent language, which does not fit into the advertising jargon.

The architectural quality of the Park embraces the landscape on a huge scale, to guarantee quiet, contemplation, innerness.

Natural beauty as a human creation should be looked for in the expression of the natural elements, in their design.

“In a Park everything should conserve natural liberty, but should undergo an artificial making and be adapted to the region that the Park is part of (...) it is Nature transformed by man’s spirit” (Hegel).

The natural landscape and the Park that spawns it are different. The landscaper has an attitude to transform the landscape. He looks to order the elements, understand the structure of the

local, clarificá-la, organizando tudo o que contribui para uma linguagem coerente, podendo obter uma bela forma. Com base no caráter do local, nas suas potencialidades físicas, foi arquitetado este Parque corrigindo-se defeitos e evidenciando qualidades. A modelação do terreno cria a bacia do lago artificial e ramifica o vale principal. Constrói diversas bacias de retenção que permitem eliminar a escorrência superficial. A unidade do desenho é conseguida pela distribuição e relação entre as clareiras e os maciços arbóreos. O desenho das clareiras em espaços suavemente ondulados cria clausura ao serem contidos por orlas de arvoredo de grande porte.

A rede de percursos acompanha o relevo, acentua orlas, liga estadias.

“Face a um produto da bela arte temos que tomar consciência que ele é arte e não natureza. Todavia a conformidade a fins na forma do mesmo tem que parecer tão livre de toda a coerção de regras arbitrárias, como se ele fosse um produto da simples natureza. Sobre este sentimento de liberdade no jogo das nossas faculdades de conhecimento, que tem que ser pois ao mesmo tempo conforme a fins, assenta aquele prazer que unicamente é universalmente comunicável, sem contudo se fundar sobre conceitos. A natureza era bela se ela ao mesmo tempo parecia ser arte, e a arte somente pode ser denominada bela se temos consciência de que ela é arte e que ela apesar disso nos parece natureza (...), isto é, a bela arte tem que passar por natureza, conquanto na verdade tenhamos consciência dela como arte”. (Kant)

O Parque da Cidade enquanto obra de arte aparece como natureza, sem esforço, sem que transpareça a forma escolástica, isto é, sem mostrar um vestígio de que a regra tenha pairado diante do arquitecto, e tenha algemado as faculdades de ânimo, como diria Kant.

(Temos contudo consciência de que a definição de arte avançada por Kant e expressa no parágrafo anterior não é única). Para Heidegger a arte é um enigma que não se resolve, a obra de arte abre um mundo do outro lado das coisas. A obra de arte representa a essência, o uno, aquilo que o ente é na verdade.

“É possível criar locais com sentido, fugindo ao populismo eclético pós-moderno, retomando a consciência histórica”. (M. Vakaloulis)

É possível retomar a Estética da Natureza que entrou em decadência a partir do Romantismo. A beleza natural permite-nos reconciliar com o mundo, pois na natureza não há qualquer princípio de domínio, há a possibilidade de liberdade, refere Adorno.

A história como expressão e a continuidade histórica como forma fazem parte da Estética Contemporânea, atitude que nasceu com

location, clarify it, organising everything to contribute to a coherent language, and thus obtaining a beautiful form. Based on the character of the location, on its physical potential, this Park was designed correcting defects and emphasising qualities. The modelling of the land creates the basin of the artificial lake and carves out the main valley. Several retention basins are built to prevent spillage to the surface. The design whole is achieved through distribution and the relation between the clearings and the wooded zones. The design of the clearings in smoothly rolling spaces creates enclosures outlined by bunches of large trees.

The network of paths follows the relief, accentuates the bunches, connects stop-off points.

“A product of fine art must be recognised to be art and not nature. Nevertheless the finality in its form must appear just as free from the constraint of arbitrary rules as if it were a product of mere nature. Upon this feeling of freedom in the play of our cognitive faculties-which play has at the same time to be final rests that pleasure which alone is universally communicable without being based on concepts. Nature proved beautiful when it wore the appearance of art; and art can only be termed beautiful, where we are conscious of its being art, while yet it has the appearance of nature (...) i.e. fine art must be clothed with the aspect of nature, although we recognise it to be art”. (Kant)

The City Park as a work of art appears as nature, without effort, without transpiring the scholastic form, i.e. without a trace appearing of the artist having always had the rule present to him and of its having fettered his mental powers, as Kant would say.

(We are aware however that Kant’s definition of art expressed in the previous paragraph it not the only one). Heidegger’s believed that art is an enigma that is not to be solved, a work of art opens a world to the other side of things. The work of art represents the essence, the one, that which the being is in truth.

“It is possible to create places with meaning, escaping the post-modern eclectic populism, resuming the historical conscience”. (M. Vakaloulis)

It is possible to resume the Aesthetics of Nature that entered into decadence from Romanticism. Natural beauty allows us to reconcile ourselves with the world, given that in nature there is no principle of domination, there is the possibility of liberty, says Adorno.

History as expression and the continuity of history as form is part of the Aesthetic Modernity, an attitude that was born with

o Romantismo, em particular com o culto das ruínas. Hoje retoma-se a alegria de contemplar um muro de pedra, uma fonte, (...) presentes no Parque da Cidade e que são obras que se tornam belas pela força da sua oposição à simples existência.

Para Kubler, 1998, “qualquer obra humana se integra mais ou menos facilmente no interior de uma cadeia de obras similares ou numa sequência formal que atravessa o tempo”.

A execução criativa do Parque pode ser entendida como algo que vai da realização criativa de um padrão à sua deformação estética e a uma atitude analítica. Poderá entender-se como padrão aquela forma que ao longo do tempo acabou por assumir a carácter sintético de um processo.

Os padrões de construção traduzem conhecimentos, técnicas, uma cultura, e podem ser recriados em projectos de Arquitectura Paisagista Erudita. Há formas construídas na paisagem de grande poder gerador – por exemplo muros de pedra. As construções pragmáticas da paisagem têm uma forma associada a um uso, mas podem transformar-se em objectos artísticos, num outro contexto. Qualquer objecto feito pelo Homem é sempre uma solução para um problema (suporte de terras, retenção de água, ...) uma solução com um fim determinado. À medida que surgem diferentes soluções para um problema (por ex. drenagem da água), as formas tendem a expandir o domínio do discurso estético. O arquitecto pode mudar e muda o rumo à tradição, como acontece no mundo moderno. As construções de pedra do Parque seguem os padrões de construção tradicional da paisagem mas têm uma dimensão estética resultante duma decomposição analítica desses mesmos padrões que nos permite ler as formas do tempo. A obra que cada Homem produz é também uma obra integrada numa série que se estende para além dele. Há uma sucessão encadeada de obras originais com réplicas, todas elas distribuídas no tempo como versões reconhecivelmente iniciais e finais do mesmo tipo de acção.

É necessário continuar a projectar Parques e Jardins enquanto obras de arte. A imagem de um belo Parque dá a quem a possui um sentido importante de segurança.

Romanticism, especially with the worship of ruins. Today once again people marvel at a stone wall, a fountain (...) present in the City Park and which are structures that become beautiful due to the force of their opposition to mere existence.

According to Kubler, 1998, “any human construction integrates with greater or lesser ease into a chain of similar works or into a formal sequence that transverses time”.

The creative execution of the Park can be understood as something that ranges from the creative undertaking of a standard, to its aesthetic deformation and an analytical attitude. A standard can be understood to mean that form that over time took on the synthetic character of a process.

Construction standards translate knowledge, techniques, culture, and can be recreated in Erudite Landscape Architecture. There are forms constructed in the landscape of great generating power – for example stone walls. The pragmatic constructions have a form associated with a use, but can be transformed into artistic objects, in another context. Any man-made object is always a solution to a problem (earth support, water retention, etc.) a solution with a given purpose. As different solutions are formulated for a problem (e.g. water drainage), the forms tend to expand the domination of the aesthetic discourse. The architect can and does change the path of tradition, as happens in the modern world. The stone constructions of the Park follow the traditional construction patterns of the landscape but have an aesthetic dimension of an analytical decomposition of these same standards that allow us to read the forms of time. The work that each man produces is also work integrated into a series that extends beyond him. A succession of original works with replicas are triggered, each distributed in time as versions recognisably that are the start and end of the same type of action.

It is necessary to continue to design Parks and Gardens as works of art. The image of a beautiful park gives whoever seizes it an important sense of security.

Referências | References

- Adorno, T. — Teoria Estética. Edições 70.1998.
Assunto, R. — Ontologia e Teleologia del jardín. Edición Tecnos. 1991.
Costa Pardal, S. — Do Jardim à Paisagem. Revista Povos e Culturas, n.º 2, 1987.
Gombrich, E. — L’art et L’illusion. Editions Gallimard. 1987.
Kant, I. — Crítica da Faculdade do Juízo. Edição Imprensa Nacional da Casa da moeda. 1992.

- Kubler, G. — A forma do tempo. Edição Veja. 1998.
Vakaloulis, M. — O capitalismo pós-moderno. Edição Campo da Comunicação. 2003.
Virgílio — Les Bucoliques et les Georgiques. Editions Artéme Fayard. 1928.
Wilde, O. — Intenções. Quatro Ensaio sobre Estética. Edição Cotovia. 1992.



Ficha Técnica

Título

Parques Urbanos e Metropolitanos - Manual de Boas Práticas

Edição

CMP - Câmara Municipal do Porto

Autor

Rui Rio, Álvaro Castello-Branco, E. Lynn Miller, Catherine Ward Thompson, John Hopkins, António Costa, Eleuterio Calleja Marchal, Edward K. Uhler, Benedita Chaves, Ana Vaz Milheiro, Valery Nefedov, Hipólito Bettencourt, Marta Magalhães, Nuno Oliveira, Terry Warriner Ryan, Robério Dias, Karl H. C. Ludwig, Luísa Genésio, Paulo Tavares, Francisco Sendas, Sidónio Pardal.

(Os conteúdos dos artigos e fotos são da responsabilidade dos autores e reservados, pelos mesmos, todos os direitos de publicação total ou parcial)

Tradução

Mariana Sousa Moreira Traduções

Coordenação de Edição

Direcção Municipal dos Serviços da Presidência da CMP e
Direcção Municipal de Ambiente e Serviços Urbanos

Fotos

Autores e João Ferrand (fotos aéreas do Parque da Cidade, pp.190, 216, 217)

Design

Motion Design - www.motiondesign.pt

Agosto de 2006 (1ª edição 5000 exemplares)

Depósito legal

246920/06

ISBN

972-9174-74-4